

SUBSÍDIOS

## Em busca de legitimidade: os estudiosos pentecostais norte-americanos e os dilemas da carreira acadêmica\*

*Jonathan W. Olson\*\**

**Resumo:** No tempo presente, os estudiosos pentecostais estão começando dar notáveis contribuições para os campos mais amplos da Teologia, História da Igreja e estudos bíblicos. Embora muitos desses estudiosos ainda permaneçam na periferia da academia americana, eles formam a espinha dorsal de uma subcultura intelectual florescente. Este artigo utiliza os métodos quantitativo e qualitativo para reunir dados sobre algumas das vozes mais formativas dessa subcultura. Argumenta-se que muitos desses indivíduos parecem ocupar um espaço intersticial repleto de apreensão e incerteza, onde cada um deve negociar como buscar maior legitimidade no bojo da comunidade acadêmica sem, de alguma forma, perder parte da sua identidade pentecostal. O artigo conclui refletindo sobre o que o sociólogo Peter Berger denominou como *estruturas de plausibilidade* - um quadro teórico que possa conduzir a alguns *insights* sobre o futuro da comunidade acadêmica pentecostal nos Estados Unidos e alhures.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo, Estudiosos, Intelectualismo, Estatística, Estrutura de plausibilidade.

**Abstract:** Pentecostal scholars today are beginning to make noticeable contributions to the wider fields of theology, church history, and biblical studies. Although many of these scholars still remain on the periphery of America's academy, they form the backbone of a burgeoning intellectual subculture. This article utilizes both quantitative and qualitative methods to gather data on some of this subculture's more formative voices. It argues that many of these individuals seem to occupy an interstitial space rife with apprehension and uncertainty, where each must negotiate how to pursue greater legitimacy in the larger academic community without somehow forfeiting a part of their Pentecostal identity. The article concludes by reflecting on what sociologist Peter Berger labeled *plausibility structures* - a theoretical framework that might led some insight into the future of the Pentecostal scholarly community in the United States and beyond.

**Keywords:** Pentecostalism, Scholars, Intellectualism, Statistics, Plausibility Structure.

---

\* Texto publicado originalmente como *The Quest for Legitimacy: American Pentecostal Scholars and the Quandaries of Academic Pursuit*, na *Intermountain West Journal of Religious Studies*, v. 4, n. 1, pp. 93-115, Utah, 2013. Traduzido por Marcelo Lopes (Doutorando e Mestre em Ciência da Religião – UFJF), com a permissão do autor, Jonathan W. Olson, e da editora da revista, Christine Elyse Blythe.

\*\* Jonathan W. Olson é doutor em Filosofia pela *Florida State University*, mestre em Estudos de Religião pela *Missouri State University* e bacharel em Teologia pela *Evangel University*. E-mail: [jolson@fsu.edu](mailto:jolson@fsu.edu)

## Introdução: o conhecimento pentecostal americano a partir de uma perspectiva histórica

Imediatamente após o reavivamento de 1906 da Rua Azusa, os *santos* pentecostais de todo o país começaram a elaborar (formal e informalmente) certas opiniões teológicas e ideológicas que os situou (tanto intencionalmente quanto inadvertidamente) no que muitos entenderam como sendo à margem da comunidade acadêmica profissional da América. Os primeiros pentecostais anteciparam o iminente retorno de Cristo e, ao fazê-lo, investiram pouco nos assuntos do *mundo*, incluindo a reforma política e segurança econômica. A educação também caiu no esquecimento. Além de uma série de escolas bíblicas, cujo único propósito era instruir jovens pentecostais nas formas de evangelização, de missões e plantação de igrejas, a maioria dos primeiros *santos* viram instâncias mais formais do ensino superior (por exemplo, o clássico de formação das Humanidades) como um desperdício de tempo precioso, na melhor das hipóteses, e prejudicial à vitalidade espiritual, na pior delas. Embutida em tal filosofia não estava apenas uma expectativa apocalíptica, mas também uma forte suspeita da própria mente como um espaço facilmente ocupado por forças diabólicas; a mente era fraca, carnal e suscetível às ciladas do diabo. Assim, dar demasiada atenção a um desenvolvimento intelectual através da aquisição de conhecimentos *humanos* foi, para muitos dos primeiros pentecostais, uma perspectiva perigosa que ameaçava ou pelo menos distraía o cultivo de um maior fortalecimento espiritual, que muitos consideravam ser, ao mesmo tempo, uma alternativa *mais segura* e *mais valiosa*.

O historiador Robert Mapes Anderson (1979) argumenta que a classe também foi um fator significativo, pois vários foram vítimas de extrema pobreza. Casos, por exemplo, de Smith Wigglesworth e Frank Bartleman, ambos descritos por suas famílias como muito pobres. Anderson destaca que um outro líder pentecostal, de nome J. H. King, “lembrou de sua infância como uma situação constante de luta e privação”. Seu pai, um fazendeiro inquilino “sem educação, sem dinheiro, sem casa e sem cavalo, ‘migrou frequentemente ao redor do sertão da Carolina do Sul’, arrastando a mulher e os onze filhos de uma pequena cabana de um único quarto para outro” (Anderson, 1979, p. 100). Não só o relato pessoal de King invoca um profundo sentimento de privação, como também revela um cenário agrário pobre no qual muitos dos primeiros líderes pentecostais nasceram. A maioria foi criada em fazendas modestas, onde o trabalho duro e rendimentos diminutos eram comuns. Essa avaliação funesta da situação econômica pentecostal inicial não ficou, certamente, sem seus detratores. O historiador Grant Wacker (2001), em seu livro

*Heaven Below*, argumenta que ela era muito mais diversificada do que Anderson sugere. Ele afirma que os integrantes do movimento não estavam empobrecidos, mas, ao invés disso, “representavam uma amostra da população norte-americana” (Wacker, 2001, p. 199). Apenas uma minoria era, na verdade, membro da classe mais baixa. A maioria, por outro lado, se assemelhava à classe média de trabalhadores americanos, com exceção de um pequeno grupo afluente de convertidos. No entanto, nas primeiras décadas do século XX, especialmente durante os anos da Grande Depressão, no que se refere à média nacional, a segurança financeira não estava, necessariamente, garantida. De fato, muitos dos primeiros pentecostais, embora de classe média, sofreram sob a pressão das más condições econômicas. Ainda que a teoria de Wacker estivesse correta, certamente podemos assumir que a grande maioria dos primeiros pentecostais era qualquer coisa, menos abastada. Sob tais restrições financeiras, poucos tiveram tempo ou recursos para buscar o tipo de aprendizagem formal que satisfizesse as definições normativas de uma formação acadêmica.

Contudo, mudanças começaram a ocorrer no final de 1940. A partir das cinzas da Segunda Guerra Mundial, seguiu-se um forte período de crescimento econômico nos Estados Unidos que afetou a sociedade como um todo, e os pentecostais não foram exceção. Durante esse período, eles experimentaram uma significativa ascensão social, que os posicionou firmemente nas fileiras de uma classe média em expansão, cada vez mais profissionalizada. Além disso, por volta de meados do século, muitos pentecostais tinham se desencantado com ideias de um retorno iminente de Cristo e, portanto, começaram a investir mais profundamente em sua existência *terrena*. Para alguns, isso incluiu o desenvolvimento do intelecto, já não mais visto como um impedimento ao seu fortalecimento espiritual; ao contrário, o intelecto foi interpretado por muitos como uma ferramenta útil para promover a causa do Reino de Deus. Com a promulgação da Lei do Reajuste de Militares em 1944 (mais comumente conhecida como “*G. I. Bill*”), muitos jovens pentecostais começaram a ponderar mais seriamente a opção e os benefícios de uma educação universitária. Para atender à demanda, algumas denominações pentecostais se mobilizaram, como, por exemplo, a Assembleia de Deus, que estabeleceu sua primeira escola de humanidades em 1955, conhecida como *Evangel College*. Outras denominações seguiram, quer seja estabelecendo instituições de humanidades, quer seja aumentando as ofertas dos graus ou o rigor acadêmico como um todo das faculdades bíblicas existentes. Associada ao crescimento do ensino superior, a *Society for Pentecostal Studies* (Sociedade para Estudos Pentecostais) foi formada em 1970 e

continua a servir como organização acadêmica de vanguarda. Em meados daquela década, a base de uma subcultura acadêmica pentecostal americana estava praticamente estabelecida.

Com base nos avanços de gerações anteriores, parece que os estudiosos pentecostais de hoje estão começando a dar contribuições notáveis para os campos mais amplos da Teologia, da História da Igreja e dos Estudos Bíblicos. Embora muitos desses estudiosos ainda permaneçam na periferia do que muitos considerariam a *torre de marfim* da América, eles formam a espinha dorsal de um movimento que passa por um surto de crescimento intelectual visível. Num esforço para identificar os atores intelectuais mais relevantes do movimento, uma pesquisa de reputação foi enviada para 140 estudiosos pentecostais de todo o país, seguidas de entrevistas aprofundadas com os treze nomes que apareceram com maior frequência. O que veio à tona a partir desses dados quantitativos e qualitativos foi o retrato de uma subcultura cujos participantes parecem estar sendo levados a ocupar um espaço intersticial repleto de apreensão e incerteza, em que cada um deve negociar como buscar maior legitimidade na comunidade acadêmica sem, de alguma forma, perder parte de sua identidade pentecostal. No entanto, além dessas disputas internas existe algo praticamente inédito nesta pesquisa, qual seja, com a crescente confiança e um forte senso de otimismo para o futuro dos eruditos pentecostais americanos, ou, conforme sugeriu o sociólogo Peter Berger: é o início de uma nova *estrutura de plausibilidade*, em que o rótulo de *estudioso pentecostal* pode existir como uma categoria viável e verossímil.

### Explorações quantitativas: pesquisa de reputação

No início de 2007, 140 estudiosos pentecostais de todo o país receberam um breve questionário<sup>1</sup>. O questionário foi dividido em cinco partes. A primeira parte pedia aos entrevistados para listar três dos estudiosos pentecostais mais conhecidos. A segunda parte pedia aos entrevistados para listar três dos estudiosos pentecostais *de*

---

<sup>1</sup> Esses estudiosos foram escolhidos para participar da pesquisa de reputação pelo fato de pertencerem à área de Estudos Bíblicos, Teologia ou departamentos de Religião em suas respectivas instituições. Uma vez que são as disciplinas nas quais os pentecostais estão causando o maior impacto na academia, ou seja, Estudos Bíblicos, Teologia e História da Igreja, dentro destes departamentos esses estudiosos parecem estar em posição de nos fornecer os dados mais informativos. Se tivéssemos pesquisado pentecostais nos campos das Ciências Naturais, dos Negócios, da Medicina ou até mesmo das Ciências Sociais, haveria pouquíssima ligação entre as suas respostas. Seus campos escolhidos são muito diferentes. Além disso, a maioria dos pentecostais nesses campos certamente teria pouco conhecimento da erudição pentecostal nas Humanidades e, portanto, não teria sido capaz de nos fornecer quaisquer dados a serem aproveitados.

*ponta*, e a terceira parte pedia-lhes para listar três dos mais influentes. A quarta parte pedia aos entrevistados para listar três estudiosos pentecostais que mais tinham lido e a quinta parte, que listassem três estudiosos cristãos não pentecostais que mais tinham lido (apenas destinatários que classificaram sua crença religiosa pessoal como *Pentecostal* foram convidados a responder a parte cinco). Embora pretendêssemos encontrar nas cinco partes da pesquisa perspectivas únicas, houve alguma sobreposição entre as questões, como apontado por alguns entrevistados que acharam difícil distinguir entre as três primeiras categorias (mais conhecidos, os *de ponta* e os mais influentes). Isto, no entanto, não foi necessariamente um problema, porque todas as cinco partes do questionário tiveram, em termos de significância, correspondência.

O principal objetivo da pesquisa de reputação era gerar uma lista dos principais estudiosos pentecostais americanos através da sondagem de indivíduos que estariam em condições de fornecer os dados mais informativos acerca dos próprios estudiosos pentecostais. Especificamente, 140 estudiosos receberam a pesquisa, 51 (36%) responderam, e dos 51 que responderam, 45 (32%) forneceram dados. Isso significa que 6 (4%) pessoas responderam, mas resolveram, pelas mais variadas razões, não completar toda a pesquisa. Assim, a classificação foi produzida a partir dos dados fornecidos pelos 45 que responderam, senão todo, pelo menos a maior parte do questionário. A tabela 1 ilustra os resultados iniciais.

**Tabela 1.** Os quinze principais estudiosos pentecostais americanos. Com base no número e percentagem de entrevistados.

Nome	Número de entrevista- dos	Percentual de entrevista- dos
Amos Yong	34	75%
Mel Robeck	27	60%
Frank Macchia	24	53%
Vinson Synan	22	48%
Gordon Fee	21	46%
Chris Thomas	12	26%
Grant Wacker	12	26%
Steven Land	12	26%
Veli-Matti Karkkainen	9	20%
Gary McGee	9	20%
Stanley Burgess	6	13%
Craig Keener	6	13%
Cheryl Bridges-Johns	6	13%
James K. A. Smith	6	13%

Embora a classificação preliminar na Tabela 1 seja útil, não é necessariamente a representação mais precisa. Por exemplo, um estudioso que foi mencionado uma vez por várias pessoas pode realmente ter menos nomeações do que um estudioso que foi mencionado várias vezes por menos pessoas. Assim, foi mais preciso determinar a classificação com base no número total de nomeações, como a Tabela 2 demonstra.

**Tabela 1.** Os quinze principais estudiosos pentecostais americanos. Com base no número total de indicações.

Nome	Número de indicações
Amos Yong	61
Mel Robeck	53
Frank Macchia	47
Gordon Fee	43
Vinson Synan	36
Chris Thomas	20
Grant Wacker	19
Steven Land	18
Veli-Matti Karkkainen	16
Gary McGee	12
Stanley Burgess	11
Miroslav Volf	11
Craig Keener	10
Cheryl Bridges-Johns	8
James K. A. Smith	7
Stanley Horton	7
Rick Moore	5

Os resultados das consultas individuais foram tão reveladores quanto o próprio ranking geral. Quando instados a listar os três estudiosos pentecostais mais conhecidos nos EUA, 22 (48%), indicaram o historiador chamado Vinson Synan, 20 (44%) mencionaram o historiador Mel Robeck, e 19 (42%) entrevistados listaram o estudioso do Novo Testamento Gordon Fee. Estes três estudiosos têm duas características em comum: idade e influência. Devido à sua longevidade — todos os três estão nos seus sessenta, setenta ou oitenta anos — eles tiveram um impacto visível sobre a trajetória do conhecimento pentecostal americano e têm ajudado formar essa crescente subcultura de forma original e dinâmica. Por exemplo,

tanto Vinson Synan quanto Mel Robeck estava entre os primeiros historiadores pentecostais que pesquisaram os primórdios do movimento com um nível de objetividade respeitado por membros de boa parte da comunidade acadêmica por sua abordagem inovadora e, em alguns casos, por suas conclusões controversas. Além de ser um escritor prolífico, Gordon Fee também causou impacto através de seu sucesso na condução de estudos bíblicos pentecostais para além dos limites do movimento, permitindo-lhe participar de conversas acadêmicas mais amplas.

Apesar de *bem conhecidos*, Synan, Robeck, e Fee não são necessariamente considerados os detentores do pensamento mais avançado. Quando perguntados sobre quem eles viam como os mais de vanguarda em suas respectivas disciplinas, 32 entrevistados (71%) citaram o teólogo Amos Yong, seguido pelo teólogo Frank Macchia com 15 indicações (33%), e teólogo finlandês-estadunidense Veli-Matti Karkainen e o filósofo/teólogo James K. A. Smith fecharam com 6 indicações cada um (13%). O que distingue esses estudiosos é a sua vontade e, até mesmo a determinação, de transcender os paradigmas teológicos e históricos habituais que, por décadas, têm dominado o conhecimento pentecostal. Abordagens pneumatológicas dinâmicas e o diálogo ecumênico ou mesmo interreligioso caracterizam grande parte de sua pesquisa<sup>2</sup>. No caso do teólogo sistemático Amos Yong (que recebeu mais indicações nessa categoria do que os outros três combinados), envolvido no diálogo pentecostal-budista, os estudos sobre Pneumatologia e ciência, e até mesmo pesquisas sobre a relação entre Teologia e deficiência física estão entre as marcas de sua pesquisa como *de vanguarda*. Simplificando, a capacidade de Young e alguns de seus colegas pesquisadores em ampliar os limites dos estudos pentecostais além da maioria dos pesquisadores pentecostais como um todo, lhes confere certo respeito dentro da comunidade acadêmica pentecostal. Em certa medida, eles até mesmo sintetizam o surgimento desse movimento acadêmico.

Como uma combinação das duas primeiras questões, a terceira questão da pesquisa pedia aos entrevistados para listar, segundo sua ótica, os três principais acadêmicos pentecostais mais influentes. Não foi de surpreender que as listas geradas pelos entrevistados correspondessem com aquelas já feitas anteriormente. Dos três primeiros, Mel Robeck ficou em primeiro lugar, com 17 indicações (38%), Gordon

---

<sup>2</sup> Pneumatologia é uma área de investigação teológica amplamente definida como o estudo de Deus na forma do Espírito Santo. Quando aplicada a temas fora do âmbito dos estudos teológicos, a pneumatologia torna-se uma metodologia própria que diferencia o conhecimento pentecostal. Para alguns exemplos concretos sobre a aplicação da abordagem pneumatológica, consulte Amos Yong, *Para além do impasse: rumo a uma teologia pneumatológica das religiões* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 2003) e *Rumo a uma tipologia do 'Espírito' no diálogo entre a religião e a ciência, A espiral global*, 26 de outubro de 2004, <http://www.metanexus.net/Magazine/ArticleDetail/tabid/68/id/9140/Default.asp> (acessado em 10 abr. 08; link descontinuado).

Fee ficou em segundo lugar, com 15 indicações (34%), e em terceiro lugar Frank Macchia, com 13 indicações (34%). Do mesmo modo, tanto o erudito de vanguarda Amos Yong como o estudioso bastante conhecido Vinson Synan vieram em quarto e quinto lugar, respectivamente. Da mesma forma, a quarta questão pedia aos entrevistados para listar os três principais estudiosos pentecostais cujo trabalho eles mais leram. Com base nas respostas já dadas às três perguntas anteriores, os nomes mencionados nesta quarta questão também não foram totalmente surpreendentes. Com 12 indicações (27%), Amos Yong ficou em primeiro lugar, seguido por Mel Robeck, com 11 indicações (25%). Em terceiro lugar, houve um empate entre Gordon Fee e Chris Thomas, ambos com 10 indicações cada um (22%).

A quinta e última pergunta sobre a pesquisa de reputação pedia aos entrevistados para listar três estudiosos cristãos não pentecostais que eles mais leem. Esta questão em particular, se destinou a sondar a rede de estudos pentecostais além dos limites do próprio movimento, ou em outras palavras, para determinar quais estudiosos fora do Pentecostalismo estavam/estão influenciando o conhecimento pentecostal. O primeiro lugar, com 7 indicações (17%) ficou com N. T. Wright. O segundo lugar foi um empate entre Clark Pinnock e Mark Noll, com 4 indicações cada (10%), e no terceiro lugar houve um empate triplo entre Grant Wacker, Alister McGrath e Harvey Cox, com 3 indicações cada (7%). O denominador comum entre esses estudiosos é que eles são todos, com exceção de Cox, de crença evangélica. Isso demonstra que muitos estudiosos pentecostais valorizam e respeitam o trabalho de estudiosos evangélicos. Isso também sugere que muitos estudiosos pentecostais não estão olhando para além do conhecimento do Protestantismo conservador. Pode ser o caso de que eles estejam satisfeitos com a literatura evangélica ou estejam simplesmente insatisfeitos com a linha mestra do conhecimento protestante, católico, ou da academia laica como um todo. Independentemente das razões específicas, parece que muitos dos acadêmicos pentecostais atuais estão escolhendo estudar os conhecimentos produzidos por seu *parente* evangélico ao invés dos conhecimentos gerados por aqueles que estão fora da tradição protestante conservadora. Conseqüentemente, essa informação demonstra nas características do conhecimento pentecostal americano um tema dominante (entre outros) a ser explorado nas entrevistas subsequentes.



## Explorações qualitativas: entrevistas pessoais

As consultas sobre a pesquisa de reputação, embora perspicazes, forneceram apenas dados limitados. A composição de uma descrição substancial da subcultura acadêmica pentecostal americana exigiu o uso de métodos mais qualitativos. Usando o sistema de classificação da pesquisa, as entrevistas pessoais foram realizadas com alguns dos mais importantes estudiosos pentecostais da nação. Foi dupla a finalidade de cada entrevista, quais sejam: recolher informações sobre cada acadêmico, isto é, a sua educação, a jornada acadêmica e situação atual; e obter a perspectiva de cada estudioso sobre o estado do conhecimento pentecostal em geral. As entrevistas começaram com algumas informações preliminares dos participantes, como nome completo, título do trabalho e idade. Embora a faixa etária entre o acadêmico mais jovem e o mais antigo tenha sido bastante significativa, a maioria estava em seus quarenta, cinquenta ou sessenta anos, com uma idade média de 54 anos. No que diz respeito à questão da filiação disciplinar, cinco eram teólogos ou filósofos, quatro eram estudiosos bíblicos, quatro eram historiadores da Igreja e três estavam fortemente envolvidos em estudos ecumênicos. Outro denominador comum entre esses treze estudiosos foi de que todos eles ensinavam em instituições protestantes conservadoras, variando de faculdades das Humanidades a seminários teológicos, com exceção do historiador Grant Wacker, que atualmente leciona na histórica Faculdade Metodista da Universidade Duke. Mesmo que virtualmente todos ensinem em instituições protestantes conservadoras, apenas metade dos estudiosos entrevistados (sete dos treze) ensinaram em escolas de cunho pentecostal/carismático, como a Universidade Regent, Seminário Teológico da Igreja de Deus, Universidade Vanguard e o Seminário Teológico das Assembleias de Deus. A outra metade estava ligada a instituições que estão acolhendo os pentecostais e cristãos carismáticos, mas não são abertamente afiliadas com essa tradição. Essas escolas consistem em lugares como Seminário Teológico Fuller, Seminário Teológico Palmer, Universidade Azusa do Pacífico e a Faculdade Calvin. Essa informação sumária (como suas preferências de leitura) indica que a comunidade acadêmica pentecostal, embora crescente, é ainda bastante localizada.

Nesse quesito, houve consenso entre a maioria dos treze estudiosos. “As limitações [do conhecimento pentecostal americano], predominantemente, são o seu paroquialismo e medo de envolver-se no mundo acadêmico externo” (Wacker, 2007), afirmou Grant Wacker (2007). E ele continuou:

Acho isso muito, muito triste e eu não vejo isso mudando muito rapidamente. Penso que está mudando, mas muito lentamente. Há ainda uma escassez de pentecostais no TAA ou na Sociedade Americana de História. Os pentecostais se retiraram para o seu próprio pequeno santuário, a Sociedade de Estudos Pentecostais. Esta começou como uma sociedade acadêmica e, penso eu, tornou-se, ao invés disso, um refúgio seguro para as pessoas que muitas vezes não têm coragem de entrar no mundo acadêmico mais amplo. Essas são palavras fortes, contudo eu os apoio. Isso me toca profundamente e fico bastante angustiado por eles. Mas percebo que a timidez dos pentecostais é indesculpável, pois não há razão alguma para ser tímido (Wacker, 2007).

Wacker não está só em suas convicções. James K. A. Smith, professor de Filosofia no *Calvin College*, criticou o conhecimento pentecostal por ser “sectário, tribalista, [e] territorialista” (Smith, 2007), enquanto outros sugeriram que ele é limitado em termos de disciplina acadêmica. Frank Macchia, Professor de Teologia na *Vanguard University*, argumentou que os Estudos Bíblicos e a prática ministerial permanecem as únicas áreas *apropriadas* para se investir energias intelectuais em muitos círculos pentecostais. O teólogo Veli-Matti Kärkkäinen não poderia estar mais alinhado quanto a essa reivindicação, de que há uma propensão dentro da erudição do movimento em direção a Estudos Bíblicos e que há uma inerente carência de trabalhos mais conceituais ou teóricos (Karkkainen, 2007).

Para alguns, essas limitações têm produzido certas tensões internas que têm, por sua vez, diminuído a velocidade do avanço do conhecimento pentecostal em geral. Gary McGee, professor de História da Igreja e de Estudos Pentecostais no Seminário Teológico das Assembléias de Deus, sugeriu que a luta sobre as origens do movimento pentecostal tem sido um obstáculo, enquanto James K. A. Smith argumentou que há muitas disputas sobre questões banais. “Nós temos muita bagagem”, observou ele. “Viemos dessas instituições beligerantes e nossas conferências ainda estão em [pequenas faculdades]. Acho que às vezes por causa disso, ainda há uma quantidade razoável de estranhos combates que acontecem no conhecimento pentecostal, portanto, ao gastarmos energia com isso, não temos energia para expandir” (Smith, 2007).

Tensões externas são igualmente preocupantes. Durante as entrevistas, ternas memórias de antigas experiências *pentecostais* foram ofuscadas, na ocasião, por memórias igualmente indelévels de desaprovação dos pais. Para a maior parte dos treze estudiosos, seus pais eram membros da classe média baixa. Eles eram médio-burgueses que, apesar de não ter uma educação formal, trabalharam duro para suprir suas famílias de suas necessidades cotidianas. Para ilustrar, Gary McGee comentou que seu pai tinha sido um empreiteiro da construção civil que, em termos de

educação, no máximo, cursara a da nona série. Ele lembrou também da suspeita de seu pai em relação ao seu plano de carreira nos estudos históricos. “*Não há dinheiro na História*”, seu pai lhe disse (McGee, 2007). Quando os pais desses estudiosos não compunham a força de trabalho médio-burguesa, eles eram clérigos ordenados, na maioria das vezes, em alguma denominação pentecostal. Dos treze estudiosos entrevistados, seis cresceram com os pais ou avós que eram pastores pentecostais ou missionários. Em alguns casos, a educação com os pais ou avós no ministério de tempo integral promoveu uma expectativa de que eles também se tornassem ministros. Para muitos *santos* seria, nada mais nada menos que, a mais alta vocação que se poderia alcançar e, mesmo tornando-se um acadêmico profissional, houve um pouco de desapontamento. Grant Wacker lembrou um embate:

Meus pais nutriam um profundo desejo de que eu me tornasse um ministro, e quando eu decidi me tornar um acadêmico ambos ficaram desapontados. Eu acho que minha mãe continuará decepcionada para o resto de sua vida. Certamente, há um grande número de pessoas que estão supostamente destinadas para o ministério; e não terão a aprovação de seus pais (Wacker, 2007).

Para alguns estudiosos pentecostais americanos, as atitudes dos familiares em relação à academia tornaram-se fonte de tensão palpável.

Adversidades também vieram de outras direções. Enquanto alguns experimentaram problemas práticos, tais como dificuldades financeiras e desemprego, outros sofreram frustrações mais emocionais. Cheryl Bridges-Johns, professora de Educação Cristã e Discipulado no Seminário Teológico da Igreja de Deus, lembrou como ela rotineiramente se sentia estigmatizada enquanto pentecostal em vários ambientes acadêmicos:

Eu sempre me vi como qualquer outro [acadêmico], mas se ao te conhecer você disser que é pentecostal, eles baixam o seu QI em dez pontos imediatamente. Você desenvolve esse sexto sentido de como as pessoas te olham e o elas pensam sobre você, e elas não falam contigo, e então você entrega seu trabalho acadêmico e, em seguida, todo mundo quer falar com você, como, “uau, eu não posso acreditar que você pode produziu esse texto, isso é incrível.” Certa vez um alemão veio até mim numa reunião do Conselho Mundial, [em que] apresentei um *paper* na sessão plenária e disse: “Isso foi um bom sermão, mas eu não o classificaria como um trabalho acadêmico”, e eu disse: “Bem, por quê?”, e ele continuou a falar sobre o que eu não fiz. Você sabe, você tem aquele tipo de coisa (Bridges-Johns, 2007).

Essas adversidades não vêm somente daqueles de fora do movimento, mas também vêm de outros pentecostais que olham esses estudiosos com desconfiança e

até mesmo com apreensão. Mel Robeck, professor de História da Igreja e Ecumenismo no Seminário Teológico Fuller, em Los Angeles, lembrou-se das críticas que recebeu de alguns administradores nas Assembleias de Deus em relação à sua pesquisa ser bastante controversa:

Eu mesmo tenho sido informado pelo meu superintendente geral que ele teria ficado feliz se eu renunciasse às minhas credenciais, e eu disse a ele, basicamente: “Bem, você conhece o sistema e como ele funciona, e se você sente que precisa muito tomar minhas credenciais, vá em frente e faça isso, mas pelo menos vamos proceder a um julgamento” (Robeck, 2007).

Da mesma forma, Stanley Horton recordou visitar, num domingo de manhã, uma pequena congregação pentecostal em Boston nas proximidades do Seminário Teológico Gordon-Conwell, enquanto o frequentava. O pastor não ficou totalmente entusiasmado ao perceber um estudioso no meio da multidão: “Ele me viu entrar e ele passou todo o sermão discursando contra o ensino superior” (Horton, 2007). Tácitos nessas memórias estão sentimentos de um *estranhamento*, no qual a identidade de alguém como um estudioso ou pentecostal é imediatamente trabalhada para desvalorizar o outro.

Em grande medida, a *incompatibilidade* entre o Pentecostalismo e academia está enraizada no estigma anti-intelectual do movimento. Quando perguntados, mais da metade dos estudantes entrevistados afirmaram que esse rótulo, de fato, faz jus. Enquanto muitos admitiram as últimas tendências anti-intelectuais do Pentecostalismo, a maioria, no entanto, enxerga o futuro com olhar otimista. “Eu acho que ainda há uma tensão anti-intelectual dentro do movimento pentecostal que permeia o movimento, mas acho que ele está por um fio”, disse Frank Macchia. “Estou feliz em dizer que ele está mudando. [No entanto], eu acho que será necessária uma outra geração, se o Senhor tardar, antes de vermos os ganhos significativos nesse sentido” (Macchia, 2007). Da mesma forma, estudioso do Novo Testamento Craig Keener sugeriu que o estigma anti-intelectual do passado está lentamente desaparecendo. “Eu não acho que está tão anti-intelectual agora como costumava ser”, observou ele. “Eu acho que ainda temos essa herança com a qual lidamos e você pode ouvir, em minha própria história, como isso foi uma luta para mim. Se não fosse por uma geração intermediária de estudiosos... eu não teria sido capaz de fazer o que eu fiz” (Keener, 2007).

No entanto, outros argumentaram que o anti-intelectualismo pentecostal é tão somente um equívoco. O estudioso do Novo Testamento Chris Thomas pontuou que os pentecostais tiveram uma longa história de criação de instituições de ensino

superior. Ele também observou que algumas denominações dentro do movimento parecem lutar contra esse estigma mais do que outras. “Eu acho que pode ser mais verossímil em alguns ramos da tradição”, disse Thomas. “Quando ouço estudiosos na Assembleia de Deus conversar, parece que eles já desalojaram o embrutecimento deles” (Thomas, 2007). Embora Thomas esteja entre a minoria de estudiosos que não concordam com a imagem anti-intelectual das gerações passadas, ele não está necessariamente sozinho. Historiador Grant Wacker também sugeriu que os primeiros pentecostais não eram anti-intelectuais, mas estavam simplesmente em desacordo com as formas mais tradicionais de ensino superior (Wacker, 2007). Em sentido semelhante, tanto Stanley Horton quanto Gary McGee discordaram de que os pentecostais tivessem sido anti-intelectuais, mas, ao invés disso, sustentaram que boa parte da comunidade acadêmica era simplesmente anti-sobrenatural (Horton; McGee, 2007).

Independentemente do que os entrevistados pensavam sobre o passado anti-intelectual do movimento, permanece o fato de que tal herança ainda assombra (em maior ou menor grau) a subcultura acadêmica do movimento. De acordo com alguns, isto tem inibido estudiosos pentecostais de causar qualquer impressão duradoura sobre o vasto mundo acadêmico. Semelhantemente, para Grant Wacker a acusação anterior de *timidez* faz sentido, o historiador Mel Robeck observou que “[estudiosos pentecostais] neste momento não estão deixando, em sua maioria, uma marca significativa [na grande comunidade acadêmica]” (Robeck, 2007). Robeck fez, no entanto, menção de nomes de alguns indivíduos que estavam *deixando uma marca*: Amos Yong, Veli-Matti Kärkkäinen, Keith Warrington, Allen Anderson, e Gordon Fee. “É um círculo muito pequeno, para ser honesto com você”, Robeck (2007) lamentou. “Às vezes é um pouco deprimente para mim. Eu investi trinta anos da minha vida na Sociedade de Estudos Pentecostais e eu gostaria que houvesse mais estudiosos ‘de peso’” (Robeck, 2007). O estudioso do Antigo Testamento Rick Moore concordou, mas com uma ressalva importante. Ele sugeriu que os estudiosos pentecostais não estão deixando uma impressão duradoura, mas argumentou que tal legado não deve ser a sua principal preocupação. “Eu realmente acho que a nossa agenda deveria ser a de buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça”, Moore (2007) observou. “Eu acho que nós vamos cometer um erro fatal se começarmos a priorizar um impacto no mundo acadêmico. Qual o impacto que Moisés teve no Egito? Qual o impacto que Paulo teve em Roma? Eu só acho que devemos tentar ser fiéis” (Moore, 2007).

Na verdade, manter-se *fiel* era mais importante na mente de alguns que temiam que estudiosos pentecostais, e talvez até mesmo o movimento como um todo fossem perdendo a sua identidade pentecostal original. De acordo com o acadêmico Stanley Horton em seus noventa anos de idade, os estudiosos pentecostais hoje estão ignorando muitas das *distinções* que os fez pentecostais, em primeiro lugar, qual seja, as doutrinas da glossolalia e da cura divina. “Eu não vejo o livro de Atos na teologia atual de algumas pessoas”, lamentou (Horton, 2007). Chris Thomas concordou. Ele afirmou: “Eu acho negativo, do meu ponto de vista, haver poucas pessoas capazes de ser evangélicas que, por acaso, são os pentecostais” (Thomas, 2007) Enquanto Wacker e Robeck sugeriram que nos estudiosos pentecostais em geral parece faltar a coragem para envolverem-se na ampla comunidade acadêmica, Horton e Thomas (2007) argumentaram que os estudiosos pentecostais parecem não ter a coragem de ser *verdadeiros* pentecostais.

Em meio às frustrações e ansiedades, existe um otimismo pujante. Grant Wacker referiu-se ao conhecimento pentecostal americano como “vital, jovem, crescente, e tem o vigor de qualquer adolescente” (Wacker, 2007), enquanto a estudiosa do Pentecostalismo Latino-americano Arlene Sanchez-Walsh argumentou que tais estudos têm *grande potencial*. Para ela, há um bom “futuro para o conhecimento pentecostal” (Sanchez-Walsh, 2007), observando ainda que “o conhecimento pentecostal está ramificando-se para além de ser meramente história denominacional, de simplesmente ser teologia; estamos recebendo especialistas em ética, teólogos, historiadores, de modo que estamos recebendo pessoas oriundas das mais diferentes disciplinas” (Sanchez-Walsh, 2007). Como Wacker e Sanchez-Walsh, James K. A. Smith também comentou sobre o potencial do conhecimento do movimento, especialmente em termos da nova geração de estudiosos pentecostais a qual pertence:

Há uma geração de estudiosos emergentes que têm feito os seus doutoramentos em instituições bastante tradicionais que sabem como as coisas funcionam na academia como um todo, e não estão apenas produzindo conhecimento olhando para o próprio umbigo. Eles querem falar com os pentecostais e eles querem falar como pentecostais (Smith, 2007).

Como Smith, Chris Thomas também imaginou uma nova geração de Pentecostais acadêmicos que levaria o conhecimento do movimento a um nível mais alto:

Eu acho que nós vemos uma quarta geração emergente que não tem um complexo de inferioridade sobre ser Pentecostal, que tem toda uma geração de estudiosos pentecostais para cultivar, e que realmente está tomando seu lugar na arena. O melhor estudioso pentecostal é aquele tipo de estudioso sem remorso. Ao descobrir-

mos o que as nossas próprias categorias são, e irmos para o nosso trabalho como pentecostais e não estivermos em dúvida com categorias de outras pessoas (Thomas, 2007).

Encorajados pelas gerações mais jovens, tanto Smith quanto Thomas antecipam um futuro em que os rótulos de *Pentecostal* e *estudioso* já não serão identidades interpretadas pela maior parte da sociedade ou por pentecostais americanos como mutuamente excludentes. Estimulados por uma sensação semelhante de otimismo, alguns entrevistados foram além, sugerindo que tal transformação já estava ocorrendo. “A academia Pentecostal está influenciando outros pesquisadores e assim por diante”, escreveu Gary McGee (2007). “Nós provavelmente estamos contando a nossa história atualmente mais do que nunca antes a fizemos. Há muitas pessoas na academia e nas igrejas de todo o mundo que querem saber mais sobre pentecostais e no que eles acreditam” (McGee, 2007). Ele asseverou que “a academia pentecostal hoje, limitada que possa parecer, está fazendo ouvir a sua voz. Pentecostais estão sendo convidados em todos os tipos de contextos para falar, para apresentar a sua história, ou para interagir em ambientes diferentes que teriam sido impensáveis há trinta anos” (McGee, 2007). De forma semelhante, Stanley Horton também sugeriu que o Pentecostalismo, tanto como um movimento religioso, quanto uma subcultura acadêmica crescente, está imprimindo a sua marca na comunidade acadêmica mais ampla. Durante a realização de pesquisas nas últimas décadas, Horton descobriu que a maioria dos teólogos sistemáticos nem sequer mencionavam o Espírito Santo ou tinham pelo menos uma seção sobre Pneumatologia. Isso mudou, observou ele. “Devido ao avivamento pentecostal e também ao conhecimento que temos desenvolvido, estamos chamando a atenção” (Horton, 2007). No final, a maioria dos estudiosos pentecostais americanos parecem ansiosos para informar à vasta comunidade acadêmica e a seus companheiros pentecostais que são, nas palavras de Craig Keener (2007), “uma voz legítima”. No entanto, como os dados qualitativos nesta seção sugeriram, o caminho para tal legitimidade não ocorrerá sem a sua quota de empecilhos, especialmente quando se trata da fusão de identidades popularmente entendidas como antitéticas. Muitos estudiosos pentecostais americanos continuam a ser vistos por atores exógenos, como não totalmente acadêmicos nem totalmente pentecostais, enquanto o movimento fora deste estado liminar é, para alguns, uma perspectiva aterrorizante. Isso significa a possibilidade de renunciar a uma parte integrante de si mesmo que eles nunca seriam capazes de reaver integralmente. Para Wacker, a *timidez* dos estudiosos pentecostais americanos ainda pode ser *indesculpável*, mas é certamente compreensível.

### Quadro interpretativo: a *estrutura de plausibilidade* de Peter Berger e o estudioso pentecostal americano

Em seu livro inovador, “O dossel sagrado: Elementos de uma teoria sociológica da religião”, Peter Berger explora o conceito de plausibilidade e sua relação com as várias realidades, nas quais as instituições religiosas se inscrevem. Especificamente, ele argumenta que as comunidades religiosas adquirem um sentido de *legitimação* através não só o seu próprio sistema de significados, mas através dos processos dialéticos entre esse sistema e as estruturas de organização da sociedade em geral. A *estrutura de plausibilidade* forjada nessa dialética compreende a fundação da realidade para as comunidades religiosas, servindo como uma estrutura que se interpõe e regula o que é e o que não pode ser entendido como verdadeiro e viável.

Dentro desse paradigma, o pluralismo religioso tem uma grande importância. De acordo com Berger, ele abre espaços que permitem o surgimento de uma nova visão secularizada da realidade que ameaça a credibilidade global das instituições religiosas. Dito de outro modo, em uma sociedade religiosamente plural (um rótulo que Berger usa para caracterizar os Estados Unidos), existe uma tensão entre as estruturas sociais dominantes (definidas pelo secularismo) e comunidades religiosas que estão em risco de perder sua plausibilidade, especialmente ao interagir com um mundo mais amplo que não compartilha a sua própria definição da realidade. Em tal cenário social, há duas respostas adequadas: acomodação ou resistência. Berger comenta que a “dificuldade da postura complacente, de reorganizar uma instituição, a fim de torná-la ‘mais relevante’ para o mundo moderno” (Berger, 1967, p. 156), é reduzida a uma única pergunta: *Até onde se deve ir?*, ao passo que aqueles que subscrevem a postura de resistência, com sua ênfase em “manter ou renovar a instituição de modo a servir como uma estrutura de plausibilidade viável para definições da realidade que não são confirmadas pela maioria da sociedade” (Berger, 1967, p. 156), devem ponderar seriamente sobre se as *defesas* ou *plausibilidades* que os constroem ativamente, são fortes o suficiente para suportar a *erosão* perpetrada pelas estruturas sociais dominantes (Berger, 1967). Dito de forma mais simples, em uma sociedade religiosamente pluralista, instituições religiosas experimentam uma crise de plausibilidade, que conduz a uma crise de legitimidade que só pode ser corrigida através de adaptação ou de um entrincheiramento ainda maior.

Nas últimas décadas, a teoria da religião de Berger sofreu alguns escrutínios intensos. Especificamente, sociólogos e historiadores da religião americana (incluindo o próprio Berger) criticaram sua tese da secularização como nada mais



que uma ilusão e uma representação imprecisa da sociedade americana contemporânea. Apesar dessas críticas, a teoria da estrutura de plausibilidade de Berger continua a ser um paradigma útil para a compreensão da situação de estudiosos pentecostais americanos que aspiram a ser totalmente *acadêmicos* e plenamente *pentecostais* ao mesmo tempo.

Para começar, seu surgimento recente no mundo acadêmico tradicional produziu uma crise de legitimidade não muito diferente das experiências de comunidades religiosas cujas estruturas plausibilidade foram enfraquecidas pelo pluralismo religioso. Como essas comunidades, os estudiosos pentecostais hoje se encontram na posição de ter de decidir entre a acomodação ou a resistência às definições dominantes da realidade, em que o Pentecostalismo e as universidades permanecem categorias antitéticas. Como as entrevistas revelaram, a decisão não é simples, nem é uniforme. Para muitos, acomodação significa maior legitimidade aos olhos da academia como um todo, mas isso também significa a rendição, ao menos, de um vestígio da sua identidade pentecostal, se não a seus olhos, ao menos aos olhos de muitos de seus companheiros *santos* que optaram por resistir às estruturas sociais dominantes. Por outro lado, se os estudiosos pentecostais de hoje escolheram o caminho de muitos colegas pentecostais e resistem às prevaletentes *realidades* da ampla comunidade acadêmica (incluindo a sua epistemologia, hermenêutica, e assim por diante), eles podem ser capazes de ajudar na construção de uma estrutura de plausibilidade exclusivamente pentecostal, mas às custas de qualquer legitimidade intelectual, pelo menos aos olhos da sociedade em geral. O recente surgimento da erudição pentecostal americana lança luz sobre as tensões profundas e complexas que existem entre as posturas de acomodação e resistência no modelo de Berger. No caso dos estudiosos pentecostais, seu passado de incapacidade para navegar por essas tensões deu origem a uma hesitação visível dentro da subcultura que continua a ser uma fonte de frustração para muitos.

No entanto, onde alguns veem fracasso, outros veem oportunidades. Embora bastante tímida, a subcultura também abunda em otimismo. Como alguns insinuaram, estudiosos pentecostais americanos estão começando a negociar, de forma mais eficaz, a relação entre acomodação e resistência através de um compromisso mútuo com ambos, o rigor acadêmico e a convicção religiosa. Além disso, é possível que através desses processos de negociação, os estudiosos pentecostais americanos estejam começando a construir sua própria estrutura de plausibilidade na qual as identidades de *acadêmico profissional* e *crente pentecostal* coexistam com pouco ou nenhum atrito.

Nós vemos a evidência desse processo de construção na linguagem teológica de Frank Macchia, quando afirmou que os pentecostais americanos estão começando “a desenvolver uma... herança, na qual busca intelectual é bem quista... como uma dádiva espiritual” (Macchia, 2007). Ou, para reiterar as palavras de Chris Thomas, estudiosos pentecostais estão, pela primeira vez, “descobrendo suas próprias categorias e já não estão em dívida para com as categorias de outros” (Thomas, 2007). Se de fato essa estrutura está tomando forma, ela está fazendo isso a partir de um processo multidimensional, dialético entre as definições da realidade de estudiosos pentecostais americanos e as definições da realidade que regem tanto a comunidade pentecostal americana quanto as que governam a sociedade americana como um todo.

### **Conclusão: os dilemas dos estudiosos pentecostais americanos em perspectiva holística**

Através da pesquisa dinâmica de algumas de suas principais figuras, a subcultura acadêmica pentecostal americana está começando a penetrar no mercado intelectual do país de uma forma nova e sem precedentes. No entanto, esse compromisso não está sendo firmado sem os seus custos. As tentativas de superar a dicotomia de longa data – Pentecostalismo/academia – têm conduzido a questões internas de identidade e legitimidade prioritárias que parecem muito difíceis de responder. As lutas externas são igualmente notórias. Muitos experimentaram ao menos alguma forma de menosprezo advindo da academia, de um modo geral, que duvida de seu rigor intelectual e, ironicamente, tem encontrado uma depreciação semelhante que parte de alguns de seus companheiros pentecostais que questionam seu compromisso com a fé carismática.

Tais dilemas não se limitam aos estudiosos pentecostais. Acadêmicos profissionais no mundo evangélico enfrentaram dilemas semelhantes. Na era pós-guerra, os evangélicos americanos começaram a construir uma elaborada subcultura intelectual composta de sociedades acadêmicas, editaram revistas e fundaram editoras. Semelhante aos pentecostais, essa subcultura ofereceu uma alternativa para a academia *secular*, em que estudiosos cristãos *nascidos de novo* poderiam apresentar e publicar suas pesquisas em um ambiente amigável. Como sociólogo, Alan Wolfe argumenta, no início da década de 1960: “cristãos conservadores com raízes no fundamentalismo americano [tinham] criaram uma vida da mente mais ampla e

mais imaginativa do que qualquer coisa anteriormente encontrada em sua tradição” (Wolfe, 1997, pp. 06-07).

No entanto, muitos não evangélicos na academia não se convenceram. Alguns, como o historiador Richard Hofstadter, confirmaram a noção de que o evangelicalismo trazia consigo um anti-intelectualismo inerente que não só os desclassificava para o diálogo acadêmico *autêntico* – e o diálogo baseado em uma epistemologia do empirismo científico, mas também teve um efeito prejudicial sobre a sociedade americana em geral (Hofstadter, 1969; Noll, 1994).

Estudiosos evangélicos que procuram ampliar sua voz para além dos parâmetros da subcultura acadêmica evangélica perceberam e, em alguns casos, realmente sentiram certas formas de resistência ou têm sido, no mínimo, recebidos com um tácito ceticismo. Como os estudiosos pentecostais começaram a descobrir e que muitos na vasta comunidade evangélica já sabem, o estigma anti-intelectual é difícil de ser ultrapassado. Na outra extremidade do espectro, uma porção considerável de evangélicos modernos (especialmente aqueles das classes média e baixa, que incluem muitos pentecostais) tende a manter sentimentos populistas em que acadêmicos profissionais, independentemente da sua filiação religiosa, são vistos como elites indignas de confiança e são, portanto, tratados como estranhos. Semelhante às experiências dos estudiosos pentecostais discutidas ao longo deste artigo, alguns estudiosos do mundo evangélico em geral (e mesmo em certos círculos católicos e mórmons) são obrigados negociar a sua trajetória através de um espaço intersticial repleto de tensões. As considerações globais deste estudo igualmente merecem destaque. Nas palavras do teólogo de Harvard, Harvey Cox, o pentecostalismo é “uma religião em movimento, e [parece] não perder nada no deslocamento” (Cox, 1995, pp. 101-102). Pelo menos quando se trata da expansão acadêmica recente do movimento, tal observação parece soar como verdadeira. Não só estamos testemunhando uma transformação no conhecimento pentecostal e no ensino superior nos Estados Unidos, mas várias comunidades pentecostais em todo o mundo também estão começando a estabelecer colégios, universidades e seminários que são mais *conservadores* em termos de seus escrúpulos acadêmicos.

Com efeito, o historiador Joel Carpenter foi além, a ponto de dizer que “praticamente em qualquer lugar do mundo que um pentecostal, carismático, ou outro movimento evangélico significativo tenha criado raízes, ele está agora empenhado no ensino superior além da formação do corpo eclesial da igreja” (Carpenter, 2003, p. 56). Cada vez mais, os estudiosos pentecostais no Exterior estão pensando além dos tópicos pragmáticos de plantação de igrejas entre os indígenas e ministério do

pastoral, e estão fazendo progressos em áreas como a Teologia Sistemática e a Crítica Bíblica. Se esses estudiosos experimentarão ou não os mesmos dilemas que os seus colegas santos nos Estados Unidos, isso ainda permanece incerto. O que está claro é que pentecostais/cristãos carismáticos estão crescendo rapidamente ao longo do Hemisfério Sul (Ásia, África e América do Sul) e, de acordo com o historiador Philip Jenkins, tende a ser mais teologicamente conservador e sobrenaturalista na orientação do que as manifestações do movimento no Ocidente, isto é, na Europa e na América do Norte (Jenkins, 2002).

É bem provável, então, que as dificuldades sentidas pelos estudiosos pentecostais apenas em nível nacional sejam exacerbadas em nível global, onde a suposta diferença entre crenças e práticas carismáticas e as epistemologias associadas com a academia conservadora seja possivelmente vista por pessoas em ambas as extremidades do espectro como ainda mais intransponível que no contexto da América.

Finalmente, parece que para os estudiosos pentecostais (independentemente da geografia), para ter sucesso no cultivo de um nível de legitimidade aos olhos de seus detratores, eles devem continuar a encontrar formas criativas e inovadoras de navegar no campo minado de estigmas que persistem em limitar seu impacto sobre o vasto mundo acadêmico e pentecostal.

### Referências bibliográficas

ANDERSON, Robert Mapes. *Vision of the Disinherited: the Making of American Pentecostalism*. Peabody: Hendrickson, 1979.

BERGER, Peter. *The Sacred Canopy: elements of a sociological theory of religion*. New York: Doubleday, 1967.

CARPENTER, Joel. New Evangelical Universities: Cogs in a World System, or Players in a New Game. *International Journal of Frontier Missions*, v. 20, Summer 2003.

COX, Harvey. *Fire From Heaven: the rise of pentecostal spirituality and the reshaping of religion in the twenty-first century*. Reading: Addison-Wesley, 1995.

HOFSTADTER, Richard. *Anti-Intellectualism in American Life*. New York: Vintage Books, 1962.

JENKINS, Philip. The Next Christianity. *The Atlantic Monthly*, October 2002. Available in: <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2002/10/the-next-christianity/2591>>. Access in: 23 May 2012.

NOLL, Mark. *The Scandal of the Evangelical Mind*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

WACKER, Grant. *Heaven Below: early Pentecostals and American Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

WOLFE, Alan. A Welcome Revival of Religion in the Academy. *The Chronicle of Higher Education*, September 19, 1997, p. 6–7.

### Entrevistas

BRIDGES-JOHNS, Cheryl. *Entrevista* concedida ao autor em 10 de março de 2007.

HORTON, Stanley. *Entrevista* concedida ao autor em 23 de março de 2007.

KARKKAINEN, Veli-Matti. *Entrevista* concedida ao autor em 26 de abril de 2007.

KEENER, Craig. *Entrevista* concedida ao autor em 07 de abril de 2007.

MACCHIA, Frank. *Entrevista* concedida ao autor em 01 de março de 2007.

McGEE, Gary. *Entrevista* concedida ao autor em 01 de março de 2007.

MOORE, Rick. *Entrevista* concedida ao autor em 08 de março de 2007.

ROBECK, Mel. *Entrevista* concedida ao autor em 09 de março de 2007.

SANCHEZ-WALSH, Arlene. *Entrevista* concedida ao autor em 24 de junho de 2007.

SMITH, James K. A. *Entrevista* concedida ao autor em 09 de março de 2007.

THOMAS, Chris. *Entrevista* concedida ao autor em 09 de março de 2007.

WACKER, Grant. *Entrevista* concedida ao autor em 18 de agosto de 2007.

Recebido: 11/07/2016

Aprovado: 29/07/2016